

# ANÁLISE SINTÁTICA DO VOCATIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA E WAYORO

Carla Lorena Leão AMARAL (UFPA)

Antônia Fernanda de Souza NOGUEIRA (UFPA)

**RESUMO:** Descreveremos o vocativo em língua portuguesa e em duas línguas indígenas, com base em instrumentos úteis para diferenciar o sintagma vocativo do sintagma nominal não vocativo. Inicialmente, faz-se um aparato sobre a situação das línguas indígenas no Brasil. Em seguida, apresenta-se referencial teórico sobre o vocativo. Adiante, discute-se o vocativo na língua portuguesa e na língua indígena Tapirapé. Finalmente, avalia-se dados da língua Wayoro. Este trabalho tem por objetivo, além da compreensão da função do vocativo, ampliar o conhecimento, mesmo que de maneira sutil, das línguas indígenas.

**Palavras-chave:** Vocativo. Língua portuguesa. Língua indígena Wayoro.

## 1. CONHECENDO AS LÍNGUAS INDÍGENAS

Embora em número bastante reduzido se comparadas com o período pré-colonial, pode-se dizer que há ainda uma grande diversidade de línguas em território brasileiro – cerca de 150 línguas, segundo Moore et al. (2008, p. 38). Tal como as demais línguas do mundo, as línguas indígenas brasileiras estão organizadas em famílias e troncos linguísticos. A organização das línguas em famílias e troncos linguísticos se faz através da identificação de semelhanças entre elas, levando a concluir que se tratavam, no passado, de uma única língua na sua origem (tal como a relação entre as línguas da família românica, como o português, e o latim). Dessa forma, línguas semelhantes fazem parte de uma mesma **família linguística**, que por sua vez faz parte de um grupo ainda maior, denominado **tronco linguístico**. Os troncos com maior número de línguas no Brasil são o Tupi e Macro-Jê (MOORE et al., 2008, p. 37).

Existem ainda línguas que não foram identificadas e línguas que não foram classificadas dentro de uma família linguística, pelo fato de serem muito diferentes das línguas já classificadas. São as chamadas **línguas isoladas**, isso acontece, por exemplo, com a língua Trumai e a língua Irântxe (MOORE et al., 2008, p. 37).

A língua indígena Wayoro, objeto de investigação deste artigo, faz parte da família linguística Tupari, uma das 10 famílias linguísticas do tronco Tupi e está localizada no estado de Rondônia (Brasil).

O Brasil é um país com uma diversidade espantosa, tanto na ecologia como em suas línguas nativas. É verdade, porém, que, assim como não cuida de sua vasta diversidade de fauna e flora, que aos poucos estão se esgotando, não dá a devida atenção às línguas nativas. O Brasil é sem dúvida um país de memória curta, que não valoriza suas grandes riquezas naturais e sua cultura, as quais vão se perdendo através da modernização. Por isso, muitos dos elementos

característicos de nosso país que deveriam ser preservados, hoje correm sérios riscos de extinção, como é o caso de algumas línguas indígenas.

Devido a diversos fatores (proibição de usar a língua nativa, desvalorização, contato com a sociedade envolvente) muitas tribos indígenas foram deixando de lado sua língua materna e passaram a falar português. Atualmente, a situação das línguas indígenas no Brasil é crítica.

Apesar dos massacres que sofreram os povos amazônicos durante os primeiros contatos com europeus e das ameaças que sofrem atualmente (por exemplo, construção de grandes empreendimentos que afetam as terras indígenas), a região amazônica ainda reserva uma grande variedade de povos e línguas. É exatamente na região amazônica onde vive a maior concentração da população indígena no país, a qual apresenta grande diversidade linguística e cultural. A região concentra mais de dois terços das línguas indígenas faladas no país. Somente no estado do Pará há cerca de 25 idiomas nativos (MOORE et al., 2008, p. 37).

Estima-se que, atualmente, o número de línguas indígenas faladas no Brasil é apenas 25% do que era antes da chegada dos europeus. Cerca de 75% se perderam nos últimos 500 anos (MOORE et al., 2008, p. 37), sendo necessário um enorme trabalho para que o que restou da nossa riqueza de línguas não desapareça completamente.

O foco desta pesquisa é contribuir para o conhecimento e estudo de uma língua Tupi (família Tupari) do estado de Rondônia. Os Wajuru estão localizados na Terra Indígena Rio Guaporé, município de Guajará-Mirim, e em Alta Floresta d'Oeste, somando cerca de 240 pessoas (ISA, 2013). Deste total, apenas 05 pessoas idosas ainda dominam a língua completamente. O presente artigo tem como objetivo apresentar e discutir dados sobre o vocativo da língua Wayoro. Inicialmente, apresentaremos o referencial teórico e a abordagem da temática em português e em outras línguas indígenas. Em seguida, observaremos dados da língua Wayoro.

## 2. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE O VOCATIVO

Longacre (2007, p. 372) divide as partes de uma sentença em núcleo (composto por bases), margem e periferia. O núcleo de uma sentença é sua parte mais característica e é, portanto, independente da margem (e da periferia). O núcleo não será necessariamente uma única oração, é possível, por exemplo, que haja uma conjunção entre as bases.

Quando eles ouviram a notícia,	Maria ficou feliz,	mas	João ficou triste
	BASE	CONJ.	BASE
MARGEM	NÚCLEO		

Esquema 1: Margem e núcleo das sentenças

A margem, ao contrário, pode ser usada com uma variedade de núcleos (Por exemplo, *Quando eles ouviram a notícia, Maria ficou tão feliz que dançou um samba*) e não é característica, além de ser subordinada ao resto da sentença. Há uma grande variedade de margem da sentença: temporal, condicional, causal, etc.

A distinção entre núcleo/margem relaciona-se com os conceitos de coordenação/subordinação e é bastante estudada e conhecida entre as línguas do mundo. A noção de periferia da sentença, no entanto, é pouco conhecida. Por exemplo, na referida bibliografia (LONGACRE, 2007) ocorre apenas em uma nota de rodapé, na qual consta o seguinte conceito: “Ao lado do núcleo da sentença e sua margem, há também uma periferia da sentença que consiste de alguns elementos funcionais, tais como exclamações, **vocativos** e sentenças adverbiais” (LONGACRE, 2007, p. 373, tradução nossa, grifo nosso)<sup>1</sup>.

Moro (2003, p. 251) chama atenção para o fato de que “a literatura referente ao caso vocativo é usualmente escassa, especialmente se comparada com a literatura referente a outros casos”<sup>2</sup>. Caso vocativo é diferente de sintagma vocativo. Caso vocativo é uma marca morfológica designada para um sintagma vocativo.

Crystal (2008, p. 514), com relação ao vocativo, afirma que

em línguas que expressam relações gramaticais por meio de flexão, este termo se refere à forma do caso adquirida pelo sintagma nominal (frequentemente um único nome ou pronome) quando este é usado em função de dirigir-se a entidades animadas ou inanimadas. O inglês não faz uso do vocativo de forma flexional, mas expressa a noção usando um sintagma nominal opcional, em certas posições, e usualmente com entoação distintiva, como em *Jane, are you ready?* (CRYSTAL, 2008, p. 514, tradução nossa)

Em Latim, assim como há, por exemplo, uma marca morfológica para indicar a função sintática de sujeito (caso nominativo) e de objeto direto (caso acusativo), há também marca morfológica para indicar ‘chamamento ou interpelação’.

(1) Domin-a	amat	serv-as
Senhora-nominativo	Verbo	escrava-acusativo
‘A senhora estima as escravas’		(RONAI, 1999, p. 15)

<sup>1</sup> “Besides the sentence nucleus and its margins there is also a sentence periphery, which consists of such functional elements as exclamations, vocatives, and sentence adverbs”.

<sup>2</sup> “As a premise, let me notice that the literature concerning Vocative Case is unusually scarce, especially if compared with the literature concerning other Cases” (MORO, 2003, p. 251)

Livi-a, tace!

Livia-voc cala-te

‘Lívia, cala-te’ (RONAI, 1999, p. 17)

Observa-se, nos dados de Latim (1), que o sufixo {-a} indica o caso vocativo. Não necessariamente, porém, as línguas do mundo terão uma marca morfológica relacionada ao vocativo. Sintagma vocativo é diferente de caso vocativo. “Um sintagma vocativo, ao invés, é um sintagma nominal que não pertence ao papel temático de um predicado e é usado para atrair a atenção de alguém, de maneira geral”<sup>3</sup> (MORO, 2003, p. 252).

De acordo com Moro (2003, p. 252), é possível distinguir pelo menos dois tipos de sintagma vocativo:

- Vocativo extra dêitico: ocorre quando se refere a uma entidade que não é referida na grade temática do predicado.

- Vocativo infra dêitico: refere-se a uma entidade que é referida na grade temática do predicado por meio de um pronome, sendo este o sujeito, o objeto direto ou indireto.

Veja exemplos da língua italiana.

(2) Vocativo Extra dêitico

a. O Gianni, Maria sta abbracciando Pietro!

O Gianni Maria está abraçando Pietro!

‘Oh Gianni, Maria está abraçando Pietro!’

(3) Vocativo Infra dêitico (Sujeito)

b. O Gianni<sub>i</sub>, pro<sub>i</sub> colpisci Pietro!

O Gianni, pro hit Pietro!

‘Oh Gianni, bata no Pietro!’

(4) Vocativo Infra dêitico (Objeto Direto)

c. O Gianni<sub>i</sub>, Maria vuole abbracciare te<sub>j,i</sub>/lui<sub>j,i</sub>!

o Gianni Maria quer abraçar você/ele!

<sup>3</sup> “a Vocative Phrase, instead, is a noun phrase which does not belong to the thematic grid of a predicate and is used to attract someone’s attention, in a broad sense” (MORO, 2003, p. 252)

‘Oh Gianni, Maria quer abraçar-te/lo’

(5) Vocativo Infra dêitico (Objeto indireto)

d. O Gianni, Maria vuole dare um libro a te<sub>j,i</sub>/lui<sub>j,i</sub>!  
o Gianni Maria quer dar um livro para você/ele!  
‘Oh Gianni, Maria quer dar um livro para você/ele!’

Para Moro (2003), claramente, é possível mostrar que os sintagmas vocativos comportam-se diferentemente dos sintagmas nominais argumentais. Três fatores sintáticos emergem:

- O sintagma vocativo não pertence à grade temática do predicado principal da sentença.
- O sintagma vocativo não coocorre com um artigo.
- O sintagma vocativo pode ser precedido por uma interjeição enfática.

Interessantemente há fatos relacionados ao vocativo também no nível fonológico. Em italiano do Sul, nomes próprios podem ocorrer em uma forma truncada (*Antó* [forma truncada] vs. *Antonio*). Tais formas truncadas podem ser usadas apenas em sintagmas vocativos. Podem também ocorrer com verbos apenas no imperativo. Há, portanto, uma relação entre imperativo e sintagma vocativo a ser investigada.

Assim, Moro (2003) conclui que um sintagma vocativo é um sintagma nominal que não pertence à grade temática do predicado, ou seja, não é requerido ou exigido pelo predicado, embora possa estar relacionado com ele por meio de um pronome. Além disso, um sintagma vocativo pode ter comportamento anômalo/irregular tanto sintaticamente (ausência de artigo, presença de uma interjeição que precede imediatamente um sintagma nominal, capacidade referencial seletiva), quanto fonologicamente (truncamento e retração de acento). Por fim, um sintagma vocativo parece ser marcado por uma flexão especial em muitas línguas.

A seguir, analisaremos o vocativo em dados de português e de línguas indígenas, com base nas propriedades apresentadas por Moro (2003). Selecionaremos, porém, apenas alguns aspectos como instrumento de investigação: não pertencimento do sintagma nominal à grade temática do predicado, com relação às três línguas apresentadas. E, ainda, ausência de artigo e interjeição em português. Futuramente, avaliaremos os demais aspectos sintáticos e fonológicos, bem como a classificação dos dados em vocativos infra ou extra dêiticos.

### 3. ANÁLISE DO VOCATIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Na sintaxe normativa, o vocativo é considerado apenas como acessório na oração, assim denominado por não apresentar termos essenciais para que exista comunicação. É o único termo isolado, totalmente independente, sem nenhuma ligação com algum termo da oração. É uma função sintática dirigida sempre a uma segunda pessoa, identificando com quem falamos. Pode ocupar qualquer posição na oração (começo, meio ou fim), é graficamente marcada por vírgulas e vem ou não seguido de ponto de exclamação. É possível ainda ocorrer com interjeições de apelo do tipo: *oh! eh! olá!*

- (6) a. Se quiseres sorrir, **menina**, vai ao circo!<sup>4</sup>  
b. **Paulo**, acorda logo!  
c. Não vamos arrumar um problema, **Almir**.

Nestes exemplos, o vocativo é usado no início, no meio e no fim da oração, para chamar alguém. Note que o vocativo é um termo que não é exigido pelo predicado da oração, ou seja, não é um argumento do predicado. Em (6a), o verbo transitivo direto *querer* tem como sujeito a 2ª pessoa do singular omitida (tu) e como objeto o verbo *sorrir* em sua forma infinitiva. Em (6b), o sujeito do verbo intransitivo *acordar*, usado no modo imperativo, é a 2ª pessoa do singular (tu). O verbo transitivo *arrumar* (sentido de ‘obter, arranjar’) exige um sujeito e um objeto. O sujeito é a 1ª pessoa do plural (nós) e o objeto é o sintagma nominal *um problema*. Assim os termos *menina*, *Paulo*, *Almir* não são argumentos dos verbos, ou seja, não são elementos por eles exigidos e servem para chamamento ou ênfase. Tal como indica Moro (2003), tais elementos não fazem parte da grade temática do predicado.

O vocativo pode, ainda, vir antecedido por interjeições de apelo, tais como *ó, olá, eh!*

- (7) a. **Ó Cristo**, iluminai-me em minhas decisões.  
b. **Olá professora**, a senhora está muito elegante hoje!  
c. **Eh! Gente**, temos que estudar mais.

Conforme Moro (2003), a presença de interjeição difere o sintagma vocativo dos demais sintagmas nominais, que não aceitam interjeição. Compare (7b) com a sentença abaixo. A presença

---

<sup>4</sup> Dados coletados nos seguintes sites: <[www.lpeu.com.br](http://www.lpeu.com.br)>; <[www.gramaticaonline.com.br](http://www.gramaticaonline.com.br)>; <<http://centraldasletras.blogspot.com>>

de interjeição em um sintagma nominal não vocativo não é aceitável (o símbolo asterisco \* indica impossibilidade ou agramaticalidade).

(8) Sintagmas nominais não admitem interjeição

\***Olá professora** está muito elegante hoje!

Além disso, Moro cita a ausência de artigo como propriedade diferenciadora do sintagma vocativo dos demais sintagmas nominais. Nenhum dos exemplos mencionados permite a ocorrência de artigo no sintagma vocativo. Se o artigo for usado, o sintagma não será vocativo.

(9) Presença de artigo no vocativo é agramatical

a. \*Se quiseres sorrir, **a menina**, vai ao circo!

b. \***a professora** está muito elegante hoje! [agramatical para o uso vocativo]

O sintagma nominal vocativo pode ser construído por substantivo (geralmente próprio), adjuntos adnominais (adjetivos e pronomes adjetivos, *minha querida*), um pronome reto de segunda pessoa.

#### 4. VOCATIVO NA LÍNGUA TAPIRAPÉ

Em Tapirapé (língua da família Tupi-Guarani, tronco Tupi), os argumentos do predicado, denominados referenciantes, sempre recebem o sufixo {-a}. Assim, nos dados abaixo, o sujeito *tamōja* ‘o avô dele’ e o objeto *o’ywa* do verbo transitivo aparecem com esse sufixo.

(10) Tapirapé (PRAÇA, 2007, p. 40)

t-amōj-**a**      a-ãpa      o’yw-**a**

3II.avô-refer    3.I-fazer      flecha-refer

‘O avô dele fez flecha’

Da mesma maneira, o argumento único de verbos intransitivos, ou seja, seu sujeito, também será sempre marcado pelo sufixo {-a}. No dado abaixo, o sujeito do verbo intransitivo ‘correr’ é *miãra* ‘o veado’.

(11) Tapirapé (PRAÇA, 2007, p. 40)

Miãr-a      mĩ      a-yj      kã'ã-pe

Veado-refer    hab    3.I-correr    mata-loc

‘o veado sempre corre na mata’

Além disso, o sufixo {-a} também ocorre como complemento de posposição e em orações nominais equativas/inclusivas.

Interessantemente, os nomes próprios em função vocativa não recebem o sufixo {-a} (PRAÇA, 2007, p. 43).

(12) Tapirapé (PRAÇA, 2007, p. 43)

**Kãtowyg**      e-xar      ãpy

Kãtowyg      2s.imp-vir      antes

‘Kãtowyg, venha, por favor’

Tais dados estão em acordo com a proposta de Moro (2003) de que um sintagma vocativo é um sintagma nominal que não pertence à grade temática do predicado. Em outras palavras, em Tapirapé, os sintagmas nominais que pertencem à grade temática do predicado aparecem com o sufixo {-a}. Tal sufixo está ausente em sintagmas vocativos, uma vez que este não faz parte da grade temático do predicado.

## 5. CAMINHOS PARA ENTENDER O VOCATIVO NA LÍNGUA WAYORO

A seguir, discutimos alguns dados relacionados ao vocativo da língua Wayoro. Em diálogos, foi registrado o uso das palavras *awi* ‘papai’ e *yã* ‘mamãe’ para chamamento ou invocação. Há outra palavra para ‘mãe’ em Wayoro, *o-ti* ‘minha mãe’ que não foi registrada com a função de invocação. Tais registros levaram Nogueira (2011, p. 45) a classificar *yã* ‘mãe’ como a forma vocativa da palavra ‘mãe’.

Vimos que, conforme Moro (2003), o sintagma vocativo não faz parte da grade temática do predicado, ou seja, não pode ser um argumento do predicado. Veremos abaixo que a palavra *yã* ‘mamãe’ pode ser um argumento (ou elemento requerido por) de um predicado. Ou seja, pode fazer parte da grade temática do predicado (não se comportando como vocativo, portanto). Vale ressaltar que tais dados foram coletados (ou analisados) em 2012-2013.



(13) Wayoro

a. awi ka-t yã  
papai comer-pass mamãe

‘Mamãe devorou papai’

b. awi ombaa-t yã  
papai bater-pass mamãe

‘mamãe matou papai’

c yã o-mõka-t  
mamãe 1s-chamar-pass

‘mamãe me chamou’

D o-ti o-mõ-era-n  
1s-mãe 1s-caus-dormir-pass

‘minha mãe me fez dormir’

Note que, em (13a, b, c), o termo *yã* ‘mamãe’ realiza a função de sujeito dos verbos *ka* ‘comer’, *ombaa* ‘bater’ e *mõka* ‘chamar’, tal como a palavra *oti* ‘minha mãe’ pode ser o sujeito do verbo *mõera* ‘fazer dormir’ (13d). O termo *yã*, portanto, pode ser um argumento de predicado, funcionando como sintagma nominal não vocativo, nos dados acima.

Trata-se, assim, de diferentes usos sintáticos da mesma palavra. Pode ser útil compararmos com a língua portuguesa: a palavra *professora*, por exemplo, pode ser usada em sintagma nominal ou em sintagma vocativo.

(14) Uso da palavra *professora* em diferentes sintagmas

**Olá professora**, a senhora está muito elegante hoje! (Sintagma vocativo)

**A professora** está muito elegante hoje. (Sintagma nominal)

Assim, podemos concluir que a palavra *yã* ‘mamãe’ pode ser usada em um sintagma nominal e também em um sintagma vocativo.

A ausência de relação entre a estrutura argumental do verbo e o sintagma vocativo é um instrumento interessante para identificar esses sintagmas dentro das sentenças, especialmente se ANAIS - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará - 20, 21 e 22 de fevereiro de 2014. ISSN

considerarmos que a língua Wayoro (e grande parte das línguas indígenas brasileiras) não conta com artigos em sua gramática e tem os estudos sobre interjeição ainda pouco desenvolvidos. Vimos que a ausência de artigo e a presença de interjeição são também importantes recursos para identificação de sintagmas vocativos (MORO, 2003).

## 6. POR UMA MAIOR COMPREENSÃO DO QUE SEJA O VOCATIVO

Sem dúvida, este trabalho revela que pouco se sabe sobre o que facilmente chamamos de vocativo. Moro (2003) traz ferramentas muito interessantes para que possamos diferenciar o sintagma nominal do sintagma vocativo. O não pertencimento do sintagma vocativo à grade temática do predicado se mostrou um recurso útil para o estudo do mesmo nas línguas indígenas Tapirapé e Wayoro. Os instrumentos aqui apresentados podem ajudar na análise sintática da língua Wayoro, que está apenas em sua fase inicial.

## REFERÊNCIAS

CRYSTAL, David. **A dictionary of linguistics and phonetics**. USA: Blackwell, 2008. 6 ed.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas no Brasil: Wajuru**. São Paulo: ISA, 2013. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/wajuru>>. Acesso em: 29/04/2013.

LONGACRE, Robert E. Sentences as combinations of clauses. In: SHOPEN, Timothy (Ed.) **Language Typology and Syntactic Description: Complex Constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MOORE, Denny et al. O Desafio de Documentar e preservar as línguas amazônicas. **Scientific American (Brasil)**, São Paulo, n. 3, p. 36-43, 2008.

MORO, Andrea. Notes on Vocative case: a case study in clause structure. In: QUER, Josep et al. (Eds.) **Romance Languages and Linguistic Theory 2001**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 251-264.

NOGUEIRA, Antonia Ferreira de Souza. **Wayoro êmêto: fonologia segmental e morfossintaxe verbal**. 2011. Dissertação (Mestrado) - FFLCH, USP, São Paulo, 2011.

PRAÇA, Walkíria Neiva. **Morfossintaxe da Língua Tupirapé (Família Tupi Guarani)**. 2007. Tese (Doutorado) – PPGL, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

RONAI, P. **Curso básico de latim: Gradus primus**. São Paulo: Cultrix, 1999.

ANAIS - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará - 20, 21 e 22 de fevereiro de 2014. ISSN

GLOSAS: 1s=1ª pessoa do singular; 2s=2ª pessoa singular; 3=3ª pessoa; caus=causativo; hab=habitual; imp=imperativo; loc=locativo; pass=passado; refer=referenciante